

**A Fé É Uma Festa: Elementos De Ludicidade Na História Festa Do Senhor Do  
Bonfim De Salvador**

**Faith Is A Party: Playfulness Of Elements In The Party History Of Lord Of Bonfim  
Salvador**

**Francisco Antonio Nunes Neto**

Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia  
Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia  
Email: [xicco7@hotmail.com](mailto:xicco7@hotmail.com)

**Endereço: Francisco Antonio Nunes Neto**

Praça Joana Angélica, 250, Bairro São José, Teixeira de Freitas – BA/Brasil, CEP: 45.988-058.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 25/04/2015. Última versão recebida em 18/05/2015. Aprovado em 19/05/2015.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**

**RESUMO**

O artigo discute como, em decorrência da invenção do culto ao Senhor do Bonfim de Salvador e do aumento da participação popular no contexto dos festejos a este Santo, as práticas de demonstração de fé, nascidas no interior da igreja, ganharam a praça pública, o largo da Basílica, onde um sem-número de fiéis aí dão continuidade às suas louvações ao Senhor do Bonfim. Neste sentido, este texto discute aspectos da história desta prática cultural religiosa através do trinômio ludicidade, fé e Festa, elementos estruturantes que ancoram e dão sentido às manifestações de fé em Salvador.

**Palavras-chave:** Fé. Festa. Ludicidade. Senhor do Bonfim.

**ABSTRACT**

The article discusses how as a result of the invention of worship to the Lord of Bonfim Salvador and increased popular participation in the context of the celebrations this Saint, the faith demonstration practices born inside the church won the public square, the square of the Basilica where a multitude of believers there are continuing their praise of the Lord of Bonfim. In the aspect, this paper discusses aspects of the history of this religious cultural practice through the triad playfulness, faith and Party, structural elements that anchor and give meaning to expressions of faith in the Salvador.

**Key words:** Faith. Party. playfulness. Lord of Bonfim.

## 1 INTRODUÇÃO

Com a invenção da tradição do culto ao do Senhor do Bonfim a partir do ano de 1745 (NUNES NETO, 2014) e em decorrência do número crescente de fiéis, as homenagens a Ele conferidas tomaram proporções cada vez maiores e mais significativas no contexto das festividades religiosas na Bahia. Após a edificação e inauguração da igreja do Senhor do Bonfim no ano de 1754, o culto e a devoção a este Senhor passou a realizar-se, também, nos espaços externos da igreja. Neste sentido, decorrente do avolumado número de pessoas dos diversos grupos sociais que se dispunham, em nome da fé, a render-lhe homenagens e das trocas culturais e simbólicas (BOURDIEU, 2001) que então passaram a ocorrer, sobretudo nos espaços externos do templo, liturgia e ludicidade passaram a plasmar o desdobramento conferido ao sagrado e o ao profano como instâncias indissociáveis, porque “as cerimônias sagradas centradas no templo não constituem a totalidade da festa deste tipo. Ela inclui ainda a realização de outros desempenhos que têm lugar nas imediações do templo – geralmente num largo” (SERRA, 2009, p. 72).

Entre finais do século XVIII e inícios do XIX, as celebrações litúrgicas que antecediam a Festa do Senhor do Bonfim, passaram a ocorrer durante dez dias, iniciando-se na semana anterior à Festa com as novenas. As novenas intercalavam-se com os folgares no largo e, no domingo, as celebrações litúrgicas encerravam-se com as solenes missas, às quais se seguia a disputada queima de fogos de artifício.

As celebrações litúrgicas e as práticas de ludicidade ganharam maior impulso a partir do ano de 1803, conforme consta em alguns livretos publicados pela Irmandade Devoção do Senhor do Bonfim. Naquele contexto, nas novenas entoadas para o Bom Jesus, ouviam-se aos sermões dos sacerdotes. Os devotos enchiam a nave do templo contritos, esperançosos e extasiados pela oratória empolada dos ilustres e barrocos párocos das celebrações. As novenas, segundo consta no Livro de Despesas elaborado pelo tesoureiro da Irmandade, Francisco José da Costa Abreu, passaram a ser cantadas a partir do ano de 1839, utilizando-se, para isso, do novenário composto pelo itaparicano Damião Barbosa de Araújo.

No registro de contas feito por Francisco Agostinho Guedes Chagas relativo aos anos de 1835 e 1836, encontra-se o pagamento feito a Damião Barbosa de Araújo que também era violonista e participava dos atos solenes e musicais da igreja do Senhor do Bonfim. A novena solene e a missa da Festa eram cantadas por um coral acompanhado de uma orquestra composta por cerca de trinta a quarenta músicos. Como a igreja do Senhor do Bonfim, as

demais existentes em Salvador passaram a ocupar a função de centros de formação musical até a segunda metade do século XX quando, na Cidade, surgiu a primeira escola de música na Universidade da Bahia (RUBIM, 1999).

Nos dias destinados às novenas, as missas eram celebradas às 8, 9 e 10 horas da manhã. Às sextas-feiras, dia, em Salvador, consagrado, na tradição Católica, ao Senhor do Bonfim e nas tradições do Candomblé a Oxalá, as missas das 9 horas revestiam-se, no contexto das novenas destinadas ao Senhor do Bonfim, de um caráter especial, tornando-as mais disputadas entre os fiéis desejosos de serem consagrados pela benção do Santíssimo Sacramento, como também para ver mais de perto os membros da Irmandade porque era a missa na qual eles tomavam parte da liturgia. Até meados do século XX, o ponto alto da Festa, era os dias de sábado, dia em que ocorria com pompa e circunstância as principais missas das novenas, as apresentações dos ternos e ranchos e a iluminação da fachada do templo; e o domingo, dia em que, além das missas solenes, acontecia a queima de fogos de artifício que anunciava o final das celebrações litúrgicas realizadas no interior da igreja.

A história das novenas na Festa do Senhor do Bonfim é assinalada pela presença de um sem número de maestros que delas participavam. Durante muito tempo, a orquestra foi regida pelo professor e major Esmeraldo Carneiro das Virgens. Da mesma maneira, a missa solene, durante algum tempo, esteve aos encargos do Monsenhor Ludgero Pacheco. Nas primeiras horas da noite de sábado tornava-se difícil transitar no largo da igreja do Senhor do Bonfim, tal o agrupamento de pessoas na frente do templo, pois, neste dia, acontecia o oferecimento (ofertório). Após a última novena, o templo permanecia aberto durante toda a madrugada, enquanto, do lado de fora, os festejos prolongavam-se nas barracas localizadas nas cercanias ao som das bandas de músicas, ranchos e ternos que faziam suas apresentações nos dois coretos armados no largo.

No ano de 1927, por ocasião da missa festiva, o Arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva leu o Breve Apostólico, em que o Papa Pio XI elevou a igreja à condição de Basílica Menor, conferindo-lhe o privilégio de todos os privilégios dos templos dessa categoria. Esta cerimônia revestiu-se de um singular aparato, à medida que, no momento em que foi anunciado, a condição de Basílica, à igreja do Senhor do Bonfim, as demais igrejas de Salvador soaram os sinos em louvor a este acontecimento e em sinal de júbilo ao Bom Jesus. Entre os temas desenvolvidos pelos sacerdotes nos sermões das missas festivas, notamos, no Diário de Notícias, Diário da Bahia e A Tarde, a preferência pelos que versavam sobre a beleza da religião católica, cuja missão era fixar a paz no espírito humano e da condição do

Senhor do Bonfim como designador e zelador dos destinos da população baiana que assegurava aos seus filhos a tranquilidade na construção do Progresso.

Uma fina sintonia unia o teor dos sermões durante as missas solenes aos regimentos da Irmandade Devoção do Senhor do Bonfim, uma vez que se visava ampliar, através da evangelização, o número de fiéis. Outros temas, como o desejo pela manutenção da paz no País e no mundo, também eram proferidos. No ano de 1938, por conta das deliberações legais anunciadas pelo presidente Getúlio Vargas com relação ao patrimônio histórico durante o Estado Novo, o culto ao Senhor do Bonfim passou a integrar-se a este conjunto, à medida que se esperava que as gerações futuras dessem continuidade à prática religiosa de cultuar o Santo, para promover a preservação de uma identidade religiosa nacional.

As pessoas que contribuíssem com espécie ou donativos para a realização das novenas recebiam um diploma conferido pelos membros da Irmandade. Nos domingos das atividades litúrgicas ao Senhor do Bonfim, era intensa a presença de fiéis. Nestes dias, as missas eram celebradas entre 04 e 11 horas da manhã. Durante muitos anos, os dias de domingo costumavam ser visitados por caravanas do interior de outras cidades baianas, a maioria vindas do Sertão e do Recôncavo.

Os fiéis de Salvador ou de outras cidades baianas que por algum motivo não podiam comparecer à igreja do Bonfim nos dias da Festa, a partir da década de 30 do século XX, passaram a contar com a transmissão das novenas pela PR-A4, Rádio Sociedade da Bahia. No ano de 1944, os membros da Mesa Administrativa da Irmandade solicitaram à PR-A4 que instalasse alto-falantes em diversos pontos das partes, Alta e Baixa do Bonfim.

Nas novenas, a massa de fiéis estava representada por pessoas de vários grupos sociais que, diante da Imagem do Senhor do Bonfim e de joelhos, imploravam a sua graça ou a Ele agradeciam. Nos dias da Festa, os fiéis manifestavam sua fé através de alguns gestos. Dentre os que mais se notabilizaram registra-se o de levar flores ou velas para enfeitar o santuário, percorrer a pé e descalço toda a extensão do trajeto em sinal de penitência, conduzir ex-votos em sinal da graça alcançada e subir de joelhos a ladeira da Colina. Este último gesto de fé, nos últimos decênios, não tem sido notado com frequência de outrora.

Aos cuidados dos membros da Irmandade, a igreja do Senhor do Bonfim era ornamentada em grande estilo e com luxo invariáveis para os dias destinados à Festa. O Altar-Mor recebia cuidados especiais e redobrados com ramalhetes de flores e tecido damascé com relevos de ouro vindos de Paris. Com a instalação da energia elétrica em 1902, o nicho onde se localiza a Imagem do Bom Jesus passou a receber profusa iluminação, proporcionando aos

fiéis, durante as missas noturnas, maior visibilidade. No contexto da ornamentação da igreja para os dias festivos, de acordo com as notícias divulgadas pelo Diário de Notícias em 15 de janeiro de 1914, entre as partes interna e externas do templo, se contavam mais de duas mil lâmpadas.

Considerado como um Santo sem tristeza e sem desesperança, Nele a crença e fé sempre pareceu reunir várias identidades religiosas, congregando católicos, candomblecistas e religiosos de outros seguimentos. No ano de 1944, contexto da Segunda Guerra Mundial, um fato bastante curioso aconteceu durante as novenas da Festa do Senhor do Bonfim. O Bom Jesus foi condecorado pelos membros da Irmandade e por demais fiéis como Padroeiro das Nações Unidas e Oráculo das Vitórias dos Povos Livres. Naquele ano, no contexto das celebrações de janeiro, ao lado da cruz, no alto da igreja do Senhor do Bonfim, colocaram a letra “V”, com a qual simbolizavam a vitória no confronto armado mundial, no qual havia tomado parte a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O texto está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos como, ao longo da história da Festa do Senhor do Bonfim de Salvador, a introdução da música como linguagem e estética artística tornou possível interfacear elementos musicais da liturgia católica com os ritmos populares de origem afro-brasileira como o samba. Na segunda, entra em análise a categorização do largo da igreja como palco-lugar onde as práticas culturais de demonstração de fé tornam possíveis os diálogos entre o sagrado e o profano aqui lidos não dicotomicamente, mas como elementos que coexistem. Na terceira, apresentamos os Ternos e Ranchos como expressões estético-religiosas de demonstração da fé ao Senhor do Bonfim, mas que perderam fôlego a história desta prática cultural religiosa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Música no Largo...

Até meados do século XIX, após a participação nas novenas, muitos romeiros e fiéis costumavam se entreter nas apresentações dos grupos musicais de barbeiros e chapadistas. Os primeiros eram assim denominados por conta do ofício que desempenhavam; os segundos formavam um grupo musical egresso da Chapada Diamantina de propriedade da senhora Raymunda Porcina de Jesus. Os chapadistas parodiavam as músicas tocadas pelas bandas militares, quando estas ainda não faziam parte da programação musical oficial da Festa. Ao

som da música chapadista os romeiros e fiéis dirigiam-se ao Porto da Lenha, localidade aos fundos da igreja do Senhor do Bonfim, de onde levavam feixes de madeira com que faziam fogueiras na frente das casas dos romeiros, aí permanecendo após a realização das novenas.

Ao som estabelecido por barbeiros e chapadistas no largo da praça da igreja, inúmeras pessoas envolviam-se na pagodeira. Não lhes faltavam pandeiros, atabaques e berimbaus, junto aos quais uma multidão, sob estímulos etílicos, adentravam a madrugada. No largo da igreja, antes e depois das novenas, os barbeiros e chapadistas constituíam-se atrações musicais quase únicas, não fossem os grupos de capoeira com seus berimbaus e as pequenas rodas-de-samba. Nas rodas realizadas nas escadarias do templo, sagrado e profano encarnavam-se nos corpos de homens e mulheres que requebravam no adro em louvor ao Senhor do Bonfim.

De acordo com a Revista Dois Séculos e Meio da Devoção de um Povo (1995), a partir do ano de 1849, outros grupos musicais como os do Batalhão de Infantaria do Regimento Militar e aqueles do Corpo de Bombeiros passaram a participar dos festejos do senhor do Bonfim, tornando-se atrações musicais quase oficiais. No lugar onde se armavam os antigos palanques, no primeiro decênio do século XX, foram construídos dois modernos coretos de alvenaria na frente das casas dos romeiros. As filarmônicas militares se revezavam naqueles coretos. A música alegre e jocosa praticada pelos barbeiros e chapadistas nos palanques e na praça até a metade do século XIX foi substituída pelo repertório que passou a ser tocado nos dois coretos armados no largo da igreja pela banda de música do Colégio dos Órfãos de São Joaquim, pelas filarmônicas do 1º ao 9º Batalhão de Infantaria do Regimento Militar e do Corpo de Bombeiros da Bahia, bem como pela Filarmônica Recreio do Bonfim.

No Diário de Notícias, notamos os sofisticados programas dos repertórios musicais das filarmônicas preparados para os dias de sábado e domingo. Por exemplo, na edição que circulou no dia 12 de janeiro de 1917 constatamos que o programa musical estava definido em três partes. A primeira constava de: Tenneizer, marcha composta por Wagner; Ritorna Firenze, dobrado, por L. Marchetti; Ouverture do Concerto n. 6, por Adolpho Girand; Danças Húngaras, por Brahms. A segunda parte apresenta: Aida, phantasia, por G. Verdi; Conde de Luxemburgo, valsa n. 5, por Frans Lehar; Danças Húngaras, por Brahms; Amor de Máscara, phantasia por G. Verdi. Já na terceira parte, ouvia-se: Bleforé, maxixe baiano por Wanderley; Flor de Abacate, polka tango, arranjo de M. Nilo; Champagne e Reis na Lapinha, tango, arranjo de Epiphanio.

Até a segunda metade do século XX, as filarmônicas se revezavam na ordem de apresentação assim como nos repertórios que apresentavam, conservando o tom solene de boa parte do programa musical. Entretanto, há que se notar que a introdução de composições e

estilos musicais brasileiros nos repertórios possibilitou ao público contemplar a diversidade e circularidade de gêneros musicais praticados nos coretos. Mesmo havendo uma programação musical local estabelecida, alguns grupos vindos de outras cidades baianas, habitualmente, e se apresentavam nos coretos, como a Filarmônica Minerva Cachoeirana em 1910, a Filarmônica de Nazaré das Farinhas, em 1914, e a União Ceciliana de Alagoinhas, em 1916, ampliando a programação musical. Destarte, a quase rígida programação musical não impediu outras manifestações musicais praticadas ao longo de todo o século XX no largo da igreja.

No contexto dos festejos do Senhor do Bonfim, costumeiramente, tropas da Polícia Militar da Bahia realizavam vistorias nos coretos, notificando à Mesa Administrativa da Irmandade as irregularidades encontradas. No ano de 1911, Silvestre de Faria, delegado, escrivão e perito e membro da Irmandade ofereceu a importância de 69\$95 aos policiais, tentando suborná-los, para que os mesmos não notificassem as irregularidades estruturais encontradas nos coretos. Entretanto, segundo noticiado nos periódicos, os policiais não aceitaram a propina.

Todavia, em que pese as estratégias de embotamento da participação musical popular, ao longo da história da Festa do Senhor do Bonfim, no contexto dos festejos realizados em nome deste Santo, no âmbito das práticas de musicalidade, tornou-se incontestado durante muitos anos, no âmbito do largo da igreja, a presença de inúmeros grupos de samba e sambadores, muitos deles formados ao improviso da cena festiva. Neste sentido, paralelo a uma quase rígida programação musical, que em quase nada se relacionava com o universo cultural soteropolitano – grosso modo peças de concertos musicais europeus – a inserção e participação da música popular de origem afro-brasileira ou afro-baiana se fez, antes, por intensos processos de resistência, através dos quais os sambas-de-roda, as chulas, a capoeira e demais elementos culturais constitutivos de uma identidade baiana passaram a configurar de maneira lúdica uma outra forma de estar na Festa, mas não apenas, de cultuar o Senhor do Bonfim.

Neste cenário de circularidades culturais, ainda no âmbito da inserção das práticas culturais populares, por exemplo, os Ternos e Ranchos, sobretudo estes últimos, também podem ser lidos como imbricamentos, através dos quais diversas pessoas de grupos sociais distintos encontravam-se ali reunidas, fosse no largo ou nas adjacências da igreja, nas partes Alta e Baixa da Basílica do Senhor do Bonfim.



## 2.2 Decoração do Largo...

O costume de ornamentar o largo da igreja para os festejos do Senhor do Bonfim já se notava nos inícios do século XX através da utilização de bandeirolas, barracas e gambiarras, conferindo ao lugar feições festivas. Como numa extensão das atividades do interior do templo, os festejos verificados no largo ao longo dos anos nos permitem lê-los ao mesmo tempo como extensões dos rituais litúrgicos católicos verificados no interior da igreja e também das práticas culturais dos negros de Salvador, muitos dos quais ligados aos Terreiros de Candomblé. Na praça, o entrelaçamento entre o sagrado e o profano permitiu aos fiéis do Senhor do Bonfim experienciar, concomitantemente, os rituais litúrgicos e as práticas de ludicidade aí verificados.

Nos periódicos A Tarde, Diário da Bahia e Diário de Notícias, consultados sobre a temática deste artigo, constatamos que, do ponto de vista temático sobre os festejos ao Senhor do Bonfim realizados no largo da igreja, três constar entre os mais destacados: o embandeiramento do largo, as barracas em seus coloridos mosaicos e a presença de cronistas e viajantes de outras nacionalidades que, desde o século XIX, para o local se dirigiam, estando em Salvador no contexto da Festa do Senhor do Bonfim. Donald Pierson observou:

[...] pretas vestidas de baianas instalam-se às margens da multidão, vendendo cocadas, bolos e outros quitutes, mangas amendoins, umbus e cajus. No adro, à frente da igreja do Bonfim, erguiam-se barracas, cada uma delas trazendo o nome do santo patrono ou do proprietário, ou uma inscrição como “Fé em Deus”, “Salve a Nova Aurora”, “A Baianinha”. Nessas barracas podiam ser comprados famosos pratos baianos de origem africana como aberém, caruru, vatapá, efô e acarajé, bem como bebidas e refrescos. Uma banda de música composta de pretos uniformizados, pertencentes ao corpo, tocava intermitentemente, de um palanque levantado no centro do adro (PIERSON, 1971, p. 388).

O nome das barracas chamou a atenção de Pierson. Encontramos outros, como O Trasmontano, Flor de Líbano, O Sportman (jogos), Paz e Amor, Recreio Familiar, Tiro no Alvo (jogos), Centro Esportivo Baiano (jogos), Centro Esportivo Brasileiro (jogos), Santa Cruz, Recreio Ideal, É Verdade!, Boa Experiência!, Boa Ideia, Varanda da Elite Baiana, A Peleja, Ba-ta-clan, Pé de Anjo, dentre outros que se convertiam em locais onde proprietários prometiam “levar turma de morenas escolhidas a dedo”. (A Tarde, 13 de janeiro de 1923 e 19 de janeiro de 1924)

Tanto a decoração do largo com as bandeirolas quanto as barracas que ali existiram, mais expressivamente até finais dos anos 80 do século XX, seguiam mais ou menos uma padronização estabelecida no colorido da decoração de ambas (bandeirolas e barracas),

compondo um grande mosaico. O conjunto da decoração do largo se formava com a presença imponente do Templo que, sobretudo nos dias festivos, encontrava-se majestosamente iluminado. Sobre o quesito iluminação, também nos jornais analisados, notamos que este item, até a década de 80 do século XX, integrava-se como parte importante do cenário e da programação, ao qual, no decorrer da história dessa Festa, foram feitos investimentos constantes.

Nas noites das celebrações festivas ao Senhor do Bonfim, a fachada da igreja constituía-se uma atração cobiçada entre os fiéis que a admiravam como num fantástico cartão postal. À noite, a iluminação da igreja possibilitava-lhe ser admirada desde a Baía de Todos os Santos até as proximidades de Itapagipe. A instalação da energia elétrica em Salvador e sua utilização na ornamentação das festas populares exercia grande fascínio diante da população que, aos poucos, se acostumava com a introdução destes novos elementos modernizadores no cotidiano da Cidade.

Nos decênios iniciais do século XX, os tesoueiros da Mesa Administrativa da Irmandade contrataram os serviços de iluminação elétrica da Companhia Elétrica Light. De acordo com o Livro de Despesas da Mesa, a Irmandade gastou, no ano de 1910, com o fornecimento de energia elétrica junto àquela empresa, o valor de 1000\$000. Naquele ano, na fachada da igreja foram colocadas cerca de mil e quinhentas lâmpadas, a maior iluminação elétrica praticada na fachada de uma igreja, no contexto das festividades religiosas e populares no Brasil. Feericamente iluminado, o Templo conferia ao lugar uma dimensão de grandiosidade. No ano de 1913, na fachada do Templo, na casa dos romeiros, no chafariz, no coreto e nos arredores do largo, foram colocadas gambiarras com aproximadamente duas mil lâmpadas, tendo aumentado no ano seguinte para cerca de três mil. A partir do ano de 1944 a iluminação da fachada da Basílica do Senhor do Bonfim passou a ser fornecida, gratuitamente, pela Companhia Energia Elétrica.

Ponto alto da decoração, as bandeirolas, em seu apreciável colorido, conferiam ao largo da igreja do Senhor do Bonfim ares festivos e de celebração. Tornou-se comum na ornamentação do largo, além das bandeirolas, a utilização de borboletas, palmas, flambeaux e um mastro entremeando dois coretos caprichosamente erguidos no largo da igreja no qual bandas de música, Ternos e Ranchos realizavam suas apresentações. No largo, a utilização de guirlandas de luzes multicores dispostas até a Baixa do Bonfim produzindo brilhante espetáculo, tornou-se usual entre os organizadores da Festa. O vistoso embandeiramento distribuía-se desde a parte de baixo até ao alto da Colina. Durante muitos anos, ao longo do século XX, os moradores das imediações da Baixa do Bonfim costumavam enfeitar a frente

de suas casas com bandeirolas com as cores utilizadas pelos decoradores da Festa, como numa extensão da mesma.

As barracas com suas bandeirolas, além de comporem o cenário dos festejos, eram os lugares onde os fiéis nos dias festivos divertiam-se, bebendo, comendo as iguarias da culinária baiana, cortejando, namorando e entretendo-se com outros folgares. A presença das barracas no largo da igreja data do início do século XX. Entretanto, com o aumento do número de participantes na Festa do Senhor do Bonfim, a Intendência Municipal passou a conceder licenças para que os comerciantes, que participavam destes festejos, armassem sua barraca na parte de baixo da Colina Sagrada e nas ruas e vielas adjacentes.

A armação das barracas obedecia à mesma ordem todos os anos. No ano de 1904, a Intendência Municipal liberou, aproximadamente, quarenta licenças para os comerciantes que desejassem armar sua barraca na Colina Sagrada nas festividades do Senhor do Bonfim. As barracas comercializam bebidas e comidas variadas, sendo comum a venda de brinquedos, jogos e brincadeiras para as crianças. Havia carrousel, roskoff, jogo de roletas e quermesse. Enquanto em algumas barracas de jogos encontravam-se facilmente profissionais e amadores envolvidos em apostas e trapagens, em outras, as crianças se entretinham nos cavalinhos dos pequenos parques de diversões armados, anualmente, no lado direito da igreja.

Em 1913, os membros da Mesa Administrativa da Irmandade comunicaram aos poderes municipais que o Alto da Colina Sagrada já não mais comportava barracas. Em vista disto, a partir daquele ano, as licenças para montar barracas nos dias dos festejos passaram a ser concedidas apenas para a Baixa do Bonfim e cercanias, marco da proliferação das barracas por outros espaços da Festa que não apenas a Colina Sagrada. No ano de 1948 já se contavam, aproximadamente, cem barracas armadas nas partes Baixa e Alta da Colina, cada uma com seu nome pitoresco.

Por todas as ruas, praças, becos e vielas, tornou-se comum um contínuo ir e vir entre as pessoas que ali acorriam à procura de diversões. De todos os lugares e ângulos os fiéis tinham como referência a musa popular, maneira como muitos se referiam à igreja do Senhor do Bonfim. Uma formidável multidão ocupava diariamente o largo, onde as filarmônicas, os ternos e os ranchos exibiam-se. De várias partes do Brasil, chegavam fiéis que vinham agradecer ao Senhor do Bonfim. Após as missas e novenas, disputavam espaço nas barracas e tableiros, junto aos quais as Baianas, vestidas com suas saias de quatro anáguas, grandes, rodadas e engomadas, vendiam os pratos típicos da terra, como galinha de xinxim, efó, carurú, vatapá, acarajé, abará e bolinho de estudante, cobrados entre 15 e 25 cruzeiros, enquanto a cerveja custava 15 cruzeiros e a gasosa, 3 cruzeiros.

Os fregueses mais libertinos costumavam se expandir em cortejamentos e galanteios às sorridentes Baianas. Durante alguns anos, a carestia das bebidas e as comidas limitou o consumo dos fregueses. Com a disseminação das salas de projeção de filmes em Salvador, alguns comerciantes que participavam com suas barracas nas festas de largo passaram a exhibir filmes, o que se constituiu em mais um atrativo entre os fregueses. Frequentar as barracas nos dias dos festejos constituiu-se prática cultural integrante das homenagens e comemorações ao Senhor do Bonfim. Hábito cultural das festividades religiosas,

[...] a instituição de barracas nas proximidades dos templos onde se celebram festas tradicionais que atraem romeiros e devotos de pontos longínquos é uma velha tradição que herdamos de Portugal. Nas cidades e aldeias portuguesas que celebram anualmente antigas festas religiosas, houve sempre e continua em uso a instalação de barracas onde a população se abastece e tem garantida a sua permanência para assistir as solenidades religiosas. Esse costume, como muitos outros, foi adotado entre nós pelas mesmas razões. Ainda hoje, por exemplo, lutam os romeiros que vão durante o ano à Basílica do Bonfim, com as maiores dificuldades para obter um café, para comprar um doce e para conseguir um copo de água pela dificuldade de casas apropriadas. Se isso acontece quando não há grande concorrência na Sagrada Colina, o que seria se ali não fossem instaladas barracas durante os dias da grande festa do Senhor do Bonfim? Não se trata, pois, de um costume pernicioso, mas de uma necessidade. O povo precisa de alimentar-se e para conseguir essa alimentação terá de recorrer aquele comércio ambulante. A velha tradição das barracas deve ser mantidas e, mais do que isso, deve merecer o apoio e a assistência do poder público que deve ter o cuidado de zelar pelos interesses do povo (*DIÁRIO DA BAHIA*, 18 de janeiro de 1942).

Em Salvador, no contexto das celebrações festivas ao Senhor do Bonfim, pelo que pudemos observar, na prática de armar e frequentar barracas, não cabe dicotomizar sagrado e profano como instâncias opostas ou antagônicas, uma vez que, mesmo entre os fiéis que se bastavam em seus divertimentos nas barracas, não se dirigindo até à igreja, isso não significa dizer que não estivessem ali em nome da fé no Senhor do Bonfim. Dizendo de outra maneira, a fé e a crença entre os fiéis não era apenas demonstrada na participação das missas, das novenas e da ritualística da lavagem do adro e das escadarias. Até finais dos anos 80 do século XX, com seus banquinhos e mesas coloridas, as barracas se configuravam como elementos fundamentais na ornamentação do largo.

Na maior parte delas, ao fundo, encontravam-se pequenos altares improvisados em modestas peanhas, onde os seus proprietários prestavam reverência ao seu Orixá. Naqueles pequenos altares particulares improvisados notavam-se flores e lâmpadas coloridas que faziam alusão à cor que identificava os orixás de predileção dos barraqueiros como, o vermelho [Iansã e Xangô], o azul escuro [Ogum], o azul claro [Iemanjá ou Oxóssi], o dourado [Oxum] e o branco [Oxalá]. No panteão dos orixás das tradições Ketu, Angola e Gêge na Bahia, estes orixás figuram entre os mais cultuados. (VERGER, 1997)

A complexa dimensão de fé que se expressava naqueles pequenos altares era o elemento que permitia aos donos de barracas seguir cultuando ao mesmo tempo, Senhor do Bonfim e Oxalá, enquanto trabalhavam, divertiam-se e estabeleciam suas preces e pedidos entre um atendimento e outro. A partir dos anos 90 do século XX, os donos de barracas, que participavam das festas de largo em Salvador, foram submetidos a uma nova lógica de ornamentação. Esta destituiu o mosaico de cores das mesas, cadeiras e altares, substituindo-o pelas marcas e slogans das cervejarias, que também passaram a patrocinar os festejos e comercializar seus produtos.

Novo elemento das festas populares de largo é verificado com mais vagar em finais dos anos 90 do século em questão: os vendedores ambulantes de bebidas e comidas em outros espaços que não apenas nas barracas e tabuleiros, aqueles das caixas de isopor e pequenas churrasqueiras. Sobre esses rearranjos nas formas de mercandear nos festejos do Senhor do Bonfim, daremos maior grafia em outra parte deste estudo.

### 2.3 Ternos e Ranchos: a fé performatizada

Os Ternos e os Ranchos constituíam-se, até os anos 70 do século XX, atrações significativas da Festa, sendo comum entre os fiéis esperar por eles, principalmente, na noite de sábado, quando promoviam efusivas apresentações no largo da igreja prestando homenagens ao Bom Jesus. A partir das pistas abertas por Nina Rodrigues em *Os africanos no Brasil* (1932), Artur Ramos esboçou características para os Ternos e Ranchos. Segundo ele,

[...] na Bahia, os *pastoris* tomam os nomes de *ternos* e *ranchos* (...) O *terno* é a forma mais aristocráticas dos *pastoris* baianos. É formado de *pastôres* e *pastôras*, vestidos uniformemente de branco, dispostos dois a dois. As *pastôras* conduzem um pandeiro enfeitado de fitas e os *pastôres* levam uma flecha tendo na extremidade uma lanterna de papel, acesa. Vão precedidos por dois ou três músicos e visitam as casas dos amigos e conhecidos cantando quadrinhas. Os *ranchos* propriamente ditos são mais populares (RAMOS, 1952, p. 119).

Nos jornais Diário de Notícias, Diário da Bahia e A Tarde, notamos mais de cem Ternos e Ranchos nos festejos do Senhor do Bonfim que nesta prática cultural religiosa passaram a se fazer presentes no final do século XIX. Alguns tiveram vida bastante curta ou reconfiguravam-se mudando o nome de batismo e a composição dos integrantes. Neste sentido, esse número corresponde à totalidade de agremiações que participaram dos festejos, pelo menos até os anos 70 do século XX, e receberam algum tipo de menção nos periódicos em circulação em Salvador. Presença marcante, os Ternos e Ranchos que encontramos no

processo de realização da pesquisa, foram os seguintes: Romeiros de Belém, Socó-boi, Canna Verde, Coiós, Cordeiro, Primavera, Terra, Estados, Flores, Rosas, Lyra, Estrela do Oriente, Sol do Oriente, Romeiros do Oriente, Lua, Aurora Boreal, Aurora, Astros, Terra Sempre Viva, Avança, Sympathico, Immaculada, Melindrosas, Ciganas, Romeiros da Palestina, Crysanthemos, Três Reis Magos, Paz e Amor, Espera, Juventude, Orchideas, Estrela D'Alva, Sol, Pinicopeu, Lyrio do Vale, Lira de Prata, Rosa Napoleão, Concha de Ouro, Arigofe, Dandy, Sol da Silveira, Leão de Ouro, Açucena, Bacurau, Fadas, Bonina, Saloias, Lua, Concha de Ouro, Rosa Menina, Cravina, Sempre Viva e Flores de Itapoan (Ternos) e Burrinha, Pico-peu, Leão de Ouro, Mamãe Sacode, Mamãe Me Deixe, Padecentes da Conflagração Européia, Pescadinha, Mal-me-Quer do Japão, Manuelzinho Chorador, União das Flores, Açucena, Caboclinhos, Jacaré, Papagaio, Encrenca, Calango, Carurú, Mané Gostoso, Vai Não Volta, Barquinha, Pé de Anjo, Cardeal de Oiro, Robalo, Robalinho, Sereia, Cruvina, Borboleta, Girasol, Urucubaca, Cardeal, Primavera, Urubú Cheiroso, Pura, Leão, Urubú Dandy, Petincó, Veado, Cachorro, União das Flores, Lyra Chorosa, Cavalo, Cobra, Avestruz, Laranja, Os Batutas, Pidão, O Chorão, Farristas da Crise, Boi, Bem-Ti-Vi, Amantes da Lyra, Mandu Choro, Os Gargantas, Pidão Infantil, Mandú Esperançoso, O Pavão (Ranchos).

Face ao caráter dessas agremiações, os Ranchos, em alguma medida, podem ser lidos na história das festas populares de Salvador como espécies de precursores das associações carnavalescas, que ganharam o espaço das ruas entre os anos 50 e 60 do século XX no carnaval, quando os clubes Fantoches da Euterpe, Bahiano de Tênis, Português e o recém inaugurado Hotel da Bahia se constituíam locais onde o carnaval da Cidade acontecia com mais fervor, sobretudo, entre as elites soteropolitanas. Neste sentido, diferente do caráter alusivo dos Ternos de Reis ao nascimento do Menino Jesus – porém sem perdê-lo de vista – os Ranchos personificavam a pândega, o chiste, o escárnio, a zombaria, o cômico, o riso e a sátira outrora tão fartamente presentes nas Festas e nos festejos populares de rua de Salvador. Diferentemente do terno, o rancho, primava

[...] pela variedade de vestimentas vistosas, ouropéias e lantejoulas, a sua música é o violão, a viola, o cavaquinho, o canzá, o prato e as vezes uma flauta; cantam os seus pastôres e pastôtas por todas a rua, chulas próprias da ocasião, as personagens e vestem-se de diferentes cores conforme o bicho, *planta* ou mesmo objeto *inanimado* que os pastôres levam à Lapinha (...) Todos eles cantam e dançam nas casas por dinheiro. Suas danças consistem num *lundu* sapateado, no qual a figura principal entra em uma luta com o seu condutor que sempre o vence; depois jogam sempre dançando e cantando, um lenço aos donos da casa que restituem-no com o dinheiro amarrado numa das pontas e saem cantando, dançando, batendo palmas, arrastando os pés, num *charivari* impossível de descrever (SOUSA BRITO *apud* RAMOS, 1952, p. 120).

Nina Rodrigues (1932) entendia os ranchos de Salvador como um elemento que unia fortemente a Bahia ao Continente Africano, à medida em que, ao tomarem como objetos-símbolos de identificação animais, plantas, objetos inanimados, dentre outros, assemelhavam-se às tribos africanas, entre as quais o tótem – ou o emblema totêmico – era um símbolo de identificação. Entretanto, em que medida é possível pensar os elementos que identificavam os ranchos como totens? Não teria Nina Rodrigues escorregado na interpretação? Teoricamente, do ponto de vista das questões postas pelos estudos da Antropologia, os totens nas tribos africanas eram, para além de um símbolo de identificação, um ícone sagrado, através do qual a ancestralidade de um grupo convergia, tendo este grupo que cultuá-los em certas ocasiões, reverenciando-os. Não me parece ter sido essa a relação que os ranchos mantiveram com os símbolos que os identificavam, com os quais estabeleciam muito mais uma relação chistosa do que protetora no contexto das festas populares.

Presentes na história dos festejos do Senhor do Bonfim, os Ternos e os Ranchos simbolizavam a relação entre religiosidade e folgares populares em Salvador. Nas noites de sábado, após a participação nas novenas, os populares costumavam esperar por aquelas agremiações, visto que se compunham como parte integrante da Festa. As apresentações dos Ternos e Ranchos iniciavam-se a partir das 23 horas das noites de sábado, quando, uma queima dos fogos de artifício anunciava sua chegada à ladeira da igreja, de onde se dirigiam para exhibir-se nos coretos do largo, dali passando para frente das casas dos romeiros, onde permaneciam até o amanhecer. Geralmente, as apresentações prolongavam-se até os finais das manhãs de domingo. Através dos seus emblemas apresentados de forma tão bem humorada, as apresentações dos ranchos conferiam uma nota cômica aos folguedos.

Os Ternos e os Ranchos mantiveram sede em diversos bairros e localidades de Salvador, onde promoviam reuniões deliberativas sobre as participações nas festas de largo da cidade. As sedes também funcionavam como ponto de encontro e concentração de onde partiam para alguma festa popular. Nos periódicos, encontramos os bairros ou localidades onde encontravam-se algumas das sedes dos ternos e ranchos de Salvador: Bonina (Fonte Nova), União das Flores (Tanque da Conceição), Orchideas e Estrela D'Alva (Itapagipe), Primavera e Aurora (Calçada), Arigofe (Ladeira do Alvo), Saloias e Lyra Chorosa (Garcia), Paz e Amor (Boa Vista), Lua (Tanque da Conceição), Batutas (Ladeira do Alvo), Açucena, Bem-ti-vi, Chrysanthemo e Bacurau (Quitandinha do Capim), Sol do Oriente (Baixa da Soledade) e Pidão (Forte de São Pedro). Por ocasião dos festejos ao Senhor do Bonfim, os ternos e ranchos promoviam nas ruas adjacentes à igreja, grande animação. Após percorrerem

as ruas de Itapagipe, visitavam a igreja, emprestando aos festejos uma divertida alegria. Precedidos por grupos musicais, formado por tocadores de violão, pandeiros, violas e cavaquinhos, ali também realizavam serenatas até o amanhecer.

**Figura 1 – Terno Leão de Ouro. A Tarde, janeiro de 1941**



Sobre os significados dos nomes de batismo dos ternos encontramos algumas notas curiosas nos jornais. Por exemplo, o Terno Estados era composto por moças e rapazes que moravam na região de Itapagipe. O nome Estados fazia alusão à recém inventada República brasileira. Cada moça representava um estado da Unidade da Federação. À frente, conduzindo um barrete frígio, via-se uma criança representando a nascente República. O Terno das Rosas era composto por 40 senhoritas trajadas de branco, conduzindo rosas como símbolo. O Arigofe possuía esse nome porque, antes da Primeira Guerra Mundial, alcunhava-se popular e jocosamente como arigofe os jovens rapazes “malandros”, “boêmios”, “simpáticos”, “fanfarrões” e “inconsequentes”. O termo arigofe não é registrado nos dicionários. Por exemplo, negro vestido de branco passou a ser chamado de arigofe, leia-se, bem vestido e trajado. O terno dos Astros era assim denominado por possuir como figuras simbólicas a Lua, o Sol, a Estrela, a Terra e a Aurora. (VIANNA, 2012)

Quando não conduzidos em bondes alugados com os poucos recursos para este fim, os integrantes dos Ternos e Ranchos, a depender da localização de suas sedes, dirigiram-se até o largo em plena caminhada, quando, então, eram ovacionados pelo público. Durante as



apresentações, entoavam loas e as tradicionais músicas obrigatórias. Durante alguns anos, aconteceram diversas querelas envolvendo dirigentes e integrantes dos ternos e ranchos por conta das músicas que uns reivindicavam propriedade em relação aos outros. Por algum tempo, para garantir as apresentações dos ternos e ranchos envolvidos em disse-que-disse, soldados do Regimento Policial precisaram intervir nas apresentações das agremiações.

Diferentemente dos Ternos, entre os quais as formas de participação nos festejos era referendada por uma espécie de encenação teatral de caráter familiar e religioso, os Ranchos, “mais liberais, muitas vezes verdadeiros farranchos, chegaram até dar trabalho à polícia”. De modo geral, os ternos e ranchos “simulavam uma marcha de pastores para o Oriente em busca do lugar onde nasceu o Messias”, conferindo aos festejos descontração e alegria (VIANNA, 1979).

Houve também outros disse-que-disses envolvendo os Ternos e Ranchos no quesito estilo de música por eles executadas. A partir dos anos 40 do século XX, quando os Ranchos introduziram marchas de carnaval em suas apresentações, passaram a ser alvo de severas críticas entre os integrantes dos ternos que entendiam estar havendo a carnavalização do sagrado, principalmente quando muitos, além do sábado e do domingo, passaram a se fazer presentes na Segunda-Feira do Bonfim que, naquele contexto das festas populares e de largo em Salvador, passou a tomar contornos de grito do carnaval, uma prévia desta festa.

Na encenação da marcha para o Oriente realizada entre os Ternos, os personagens que a compunham eram basicamente os magos, as pastoras, os pastores, os anjos, as samaritanas, as ciganas, as saloias, o porta-cajados e porta-estandarte. A função da porta-estandarte, no contexto das apresentações, era simular uma adoração em frente a um presépio real ou imaginário. Neste momento, a condutora baixava os braços com o bastão que estivesse conduzindo em um sinal de humildade ou contemplação religiosa. Por sua vez,

[...] as pastoras se apresentavam com o tradicional vestido de estopinha branca, chapéu de palha fabricado com palmito de ouricuri enfeitado com fitas, tendo a copa coberta de algodão, com enfeites de velbutina preta, cajado com fitas, cesta no braço com flores e pequeno pandeiro de folha-de-flandres. Os pastores trajavam roupa branca, chapéu de ouricuri enfeitado, ostentando castanholas de jacarandá, com fitas de cores (QUIRINO, 1922).

Enquanto participaram dos festejos ao Senhor do Bonfim nas noites de sábado, da Baixa do Bonfim até o gradil da igreja, tornou-se comum a concorrência entre os fiéis que, após participar dos rituais litúrgicos católicos, permaneciam nos coretos e nas casas dos romeiros para prestigiar as apresentações dos ternos e ranchos. Dentre eles, havia alguns

compostos apenas por homens e outros, apenas por mulheres. Outros eram mistos, havendo, também, aqueles com a formação majoritária de crianças, como o Pidão Infantil.

Os Ternos e os Ranchos eram considerados entre os participantes dos festejos ao Senhor do Bonfim como nota chique das noites de sábado. O número de componentes variava entre quarenta e cinquenta, exceção feita ao Rancho Mamãe Sacode que era composto por oitenta rapazes das elites locais, como noticiado em janeiro de 1922 pelo Jornal Diário de Notícias. Compunha-se por uma banda musical com mais vinte rapazes e por uma baliza-mor. No repertório, músicas que estabeleciam críticas à municipalidade, sobretudo com relação às péssimas condições de funcionamento e circulação dos bondes elétricos.

A partir de finais dos anos 20 do século XX, os Ternos e os Ranchos passaram a concorrer a prêmios simbólicos depois de suas apresentações nos coretos, oferecidos pela Comissão da Praça da Liberdade e pelos membros da Irmandade como incentivo. Estas premiações visavam manter viva a tradição entre os integrantes daquelas agremiações de participar das festas populares de Salvador. A partir do ano de 1937, o senhor Adolpho Freira, tesoureiro da Mesa Administrativa da Irmandade, estabeleceu que, independente da classificação nas apresentações, todos os Ternos e Ranchos que comparecessem, nas noites de sábado, à Festa, seriam premiados. Através deste gesto, os membros da Mesa Administrativa da Irmandade, por intermédio do seu tesoureiro, buscavam estimular e agradar aos organizadores e aos componentes dos ternos e dos ranchos por suas participações, pois “suas músicas, sua indumentária e sua coreografia, tudo falando bem alto das tradições bahianas, patrimônio sempre aumentado com o passar dos anos” (Diário de Notícias, 14 de janeiro de 1953).

No ano de 1954, entretanto, por não terem recebido nenhum auxílio financeiro, os dirigentes dos Ternos e dos Ranchos declararam, em entrevistas aos jornais, que não participariam dos festejos ao Senhor do Bonfim, notícia que causou algum mal-estar, pois Percy Cardoso, Diretor do Arquivo Municipal, órgão da Prefeitura, declarou, em entrevista, ter feito o repasse do auxílio entre os dirigentes dos ternos e ranchos. Através do Jornal Diário de Notícias, Tomaz de Aquino Bonfim, diretor de um dos Ternos, afirmou:

[...] Não creio houvesse tido este propalado auxílio. Já entrei em entendimento com vários dirigentes de ternos e notei o descontentamento dos mesmos pela falta de auxílio e pelas acusações que lhes pesam, de vez que são homens honestos. Apenas o terno Rosa Menina saiu às ruas, tendo um auxílio de \$ 1000,00, o que não dá para nada, e se disso dependesse, o Rosa Menina também não sairia às ruas. É o que há muito vinha se preparando e pôde se apresentar de público Deus sabe como. E quanto às acusações que pesam sobre os dirigentes de ternos, estou promovendo uma reunião, para a qual aproveito a oportunidade para convidar todos os dirigentes de ternos para participarem da mesma no próximo dia 25, na sede do terno Flores de

Itapoã, a rua do Passo, nº 27, às 9 horas da manhã (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 10 de janeiro de 1954)

Naquele ano, exceto o Rosa Menina, nenhum Terno ou Rancho compareceu às festas de largo de Salvador, por falta de incentivo financeiro por parte da Prefeitura. Nas entrelinhas da sua declaração, Percy Cardoso deu a atender que os donos dos ternos não haviam empregado devidamente o dinheiro repassado pela Prefeitura. Durante algum tempo, os ternos e ranchos, para se manterem, realizavam atividades recreativas, através das quais visavam angariar fundos para custear as despesas. Dentre as atividades, a vendagem de refresco, a utilização de mealheiros para guardar moedas angariadas em apresentações públicas, rifas, barraca de quermesses, sorteio de balaios e pequenas viagens, foram as mais frequentes. Ainda, deve-se registrar que os músicos ensaiavam de graça, apenas percebendo alguma gratificação nos dias das apresentações.

Neste sentido, por conta das querelas ,envolvendo a Prefeitura e as agremiações, a partir de meados dos anos 50 do século XX, registrou-se um relativo declínio na participação dos ternos e ranchos nas festas populares de Salvador. Sobre esse fato, opinou Tomaz de Aquino Bonfim:

[...] o principal fator de decadência dos ternos é a falta de auxílio oficial e aqui entre nós, também da imprensa que somente agora está batalhando pela restauração desta velha tradição (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 10 de janeiro de 1954).

A partir do ano de 1960, visando garantir na tradição Festa e dos festejos populares a participação dos Ternos e Ranchos, o prefeito Heitor Dias financiou a participação daquelas agremiações. Mesmo assim, naquele ano, houve inexpressiva participação de não mais que dez Ternos e Ranchos. No ano de 1966 os Ternos e os Ranchos voltaram à condição de atrações principais das noites de sábado por conta dos incentivos financeiros advindos da Superintendência de Turismo de Salvador - SUTURSA. Entretanto, nos anos seguintes, os sinais vitais dos Ternos e Ranchos passaram a pulsar mais lentamente, evidenciando estarem perdendo fôlego e espaço nas festas tradicionais e populares de Salvador.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das práticas culturais religiosas soteropolitanas, fé e festa não se configuram como elementos antagônicos, nem mesmo contraditórios. Na história da Festa do Senhor do Bonfim, estas duas instâncias coadunam-se com o um terceiro elemento, a ludicidade, formando uma espécie de tríade, através da qual as diversas e distintas maneiras

de demonstração da crença a este Santo, assim como as formas de cultuá-lo são tanto estruturantes como emblemáticas de um jeito baiano de, enquanto reverenciam, de maneira alegre e graciosa, dão sentido à manutenção do culto ao universo mágico e religioso, seja no interior de alguma igreja, terreiro de candomblé ou em uma praça ou largo em sua cercania, o que nos possibilita dizer sobre um modo particularmente baiano de promover profícuas nuances e sombreamentos entre a fé e a festa.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. **Revista Dois Séculos e Meio da Devoção de um Povo**. Irmandade Devoção do Senhor do Bonfim. Salvador, 1995.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.

NUNES NETO, F. A. A invenção de uma tradição: a Festa do Senhor do Bonfim em Jornais baianos. Salvador: UFBA, 2014.

PIERSON, D. **Branços e Prêtos na Bahia**. 2ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1971.

QUIRINO, Manoel. A Bahia de outr'ora: vultos e factos populares. 2ª ed., Bahia: Livraria Econômica, 1922.

RAMOS, A. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1952.

RUBIM, A. A. C. **A ousadia da criação**. Universidade e Cultura. Salvador: UFBA; Faculdade de Comunicação, 1999.

RODRIGUES, N. Os Africanos no Brasil. 1ª ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932.

SERRA, Ordep. Rumores da Festa. O sagrado e o profano na Bahia. 2ª ed., Salvador: EDUFBA, 2009.

VERGER, P. **Lendas Africanas dos Orixás**. 4ª ed., Salvador: Corrupio, 1997.

VIANNA, H. **A Bahia já foi assim**. T ed., São Paulo: GRD, 1979.

\_\_\_\_\_. **Folclore Brasileiro**. Bahia. Ministério da Educação e Cultura; Secretaria de Assuntos Culturais; Fundação Nacional das Artes; Instituto Nacional do Folclore: Rio de Janeiro, 2012.

### Periódicos

A Tarde/ mês janeiro/anos consultados: 1923, 1924 e 1941.

Diário da Bahia/ mês janeiro/ano consultado: 1942.

Diário de Notícias/mês janeiro/anos consultados: 1914, 1917, 1922, 1953 e 1954.